

Considerações teóricas sobre o eixo presença e reconhecimento do instrumental APEGI (Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições)*

Larissa J. R. Paula Cagnani

Sabrina Vicentin Plathow

Este texto tem como objetivo trazer considerações sobre o eixo presença e reconhecimento de sujeito do APEGI (Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas Grupos e Instituições), visto que o sujeito para a psicanálise não diz respeito a personalidade ou a um modo de ser.

Kupfer (2010) define que o sujeito do inconsciente foi formulado por Lacan como um lugar, uma função, que denuncia um desejo desconhecido pelo Eu. Em sua obra, Lacan (1994; 1998) formula que o sujeito se constitui através da linguagem, pois o sujeito inconsciente é efeito do campo da linguagem e só existe neste. A linguagem não equivale a um instrumento de comunicação, mas nos referimos a sua dimensão enquanto campo, composto por discursos sociais e históricos, onde o sujeito incide. Nas palavras de Kupfer (2010, p. 270): Não há liberdade nesse surgimento, não há escolha. O sujeito não fala, mas é falado.

O momento em que se faz possível acompanhar a criança com o uso do APEGI será por volta dos seus três anos, no qual ela não é mais um bebê e já se deram alguns operadores essenciais para sua constituição subjetiva. Espera-se que seja possível apreender na criança aquilo que é dela enquanto sujeito e como ela se posiciona no campo do Outro. Essa apreensão se faz possível tanto nos momentos exclusivos com a criança, onde pode-se notar a presença de um sujeito, quanto através do que é dito pelos outros sobre a criança.

Assim, dialeticamente, a presença de um sujeito é o que permite ser reconhecido como tal e seu reconhecimento sustenta a presença de sujeito. No contexto familiar, entende-se que há presença do sujeito quando a criança ocupa um lugar singular na família e se manifesta quando os pais falam sobre ela.

*Este texto é parte integrante de um artigo escrito pelas autoras, o qual será publicado como capítulo de livro a ser lançado pela Editora Escuta, em 2022. O manual de aplicação do APEGI e outros capítulos teóricos que fundamentam este instrumental foram escritos por outros autores e também farão parte deste livro.

Já na escola, se a criança manifesta suas opiniões e seu entendimento do que a cerca, se compreende e participa da atividade proposta, se é reconhecida e se diferencia dos colegas. De forma geral, se a criança dá lugar à fala dos adultos e respeita os turnos dialógicos, assim como quando responde pessoalmente a uma pergunta, também identifica-se que há sujeito.

No primeiro momento, a mãe precisa ser reconhecida enquanto agente da função materna e, sucessivamente, supor um sujeito no seu bebê que ainda não existe. Haverá uma transposição para o reconhecimento, a mãe passa a reconhecer, em seu filho crescido, um sujeito já constituído. Assim, diferentemente do eixo do IRDI (Indicadores Clínicos de Referência para o Desenvolvimento Infantil) que supõe um sujeito que ainda não existente, o eixo presença/ reconhecimento de sujeito do APEGI verifica os efeitos do investimento materno no bebê, nos impondo um duplo movimento de apreensão e leitura, tanto da criança, a partir dos 3 anos, quanto do adulto. Enquanto bebê, a mãe imaginava uma autoria em seu filho e, a partir dos 3 anos com a leitura do APEGI, verificamos se o agente materno reconhece os movimentos próprios da criança.

Esse instrumento abre a possibilidade de verificar se há presença do sujeito, se a criança pode se expressar, enquanto sujeito do desejo, nos momentos de brincadeira, fala e interação com outras crianças e com o adulto, sejam seus pais, o cuidador, o profissional que a acompanha em tratamento.

Tais situações são norteadoras para compreensão deste eixo e envolvem relações com os pares e com o Outro. Neste, verifica-se se o adulto reconhece a criança enquanto sujeito, assim busca-se apreender a forma com que o adulto se refere à criança e se, na relação com esta, ele percebe suas particularidades e o lugar que ela ocupa. Se há o reconhecimento das preferências da criança, se ela fala em nome próprio e esboça reações diante de acontecimentos cotidianos, atribuindo-lhe um significado próprio, entendemos que trata-se de um sujeito constituído e reconhecido. Quando não há reconhecimento de sujeito, os pais ou professores não oferecem um lugar significativo à criança, eles não abrem espaço para sua opinião ou desejo, não dando espaço para sua expressão subjetiva (KUPFER; BERNARDINO, 2017, p. 10).

Conforme exposto, o eixo presença/reconhecimento de sujeito nos ajuda a fundamentar este instrumento, o APEGI. Isso surge pelo discurso dos pais, educadores e cuidadores da criança, que com ela convivem e pode ser apreendido através das entrevistas.

Nas entrevistas com os pais e com os professores, prioriza-se explorar o que se fala em relação à criança e mais especificamente, na entrevista com os pais, pode-se observar a relação entre eles e seu filho, já que a criança participa da mesma.

Por exemplo, temos as seguintes perguntas: 1. (P/R S). O que os pais dizem a respeito da criança e como o fazem? e 1. (P/R S). O que o professor diz a respeito da criança e como o faz?. De modo mais amplo, estes tópicos nos oferecem a possibilidade de compreendermos se a criança está presente no discurso do adulto e se ocupa um lugar singular nesta fala, se estes se colocam a compreender os comportamentos da criança, assim como se há um conhecimento por parte destes sobre as qualidades e preferências da mesma.

Nas perguntas seguintes: 2. (P/R S). Como os pais e os professores veem os eventuais sintomas da criança?, poderemos analisar o que os sintomas produzem tanto nos pais quanto nos professores, se seriam somente um incômodo a ser eliminado, um enigma ou se esses poderiam representar alguma forma de expressão da criança, que também poderia estar associada ao contexto que ela convive e às relações que estabelece.

Na entrevista com os pais, há a seguinte pergunta: 3. (P/R S e FP). A criança é vista dentro de um cenário de filiação. Nesta questão, se faz pertinente analisar como a criança é colocada na dinâmica do casal, se ela se parece com alguém, se é vista como “do papai”, da “mamãe” ou de ambos e como é inserida na cadeia de gerações.

Este texto objetivou refletir sobre o conceito de presença/reconhecimento de sujeito, bem como dialogá-lo com elementos que são fundamentais para sua operação.

Levamos diferentes sentidos que podem ser atribuídos à noção de reconhecimento e, em todos esses, destacamos a importância do seu caráter intersubjetivo e, principalmente, sua importância para a constituição subjetiva da criança.

Podemos considerar que os eixos que compõem os IRDIs e o APEGI se entrelaçam e se complementam, possibilitando assim, uma leitura do sujeito em sua totalidade, não fragmentando-o.

Faz-se importante frisar que sujeito não é sinônimo de criança, há uma marca que diferencia a subjetividade de uma criança que está se constituindo e a subjetividade do adulto, pois, no segundo caso, alguns operadores psíquicos já se dão de modo estruturado, este é um dos fatores que diferencia a clínica com crianças e a clínica com adultos. Esta é a primordial característica do APEGI que permite especificar dados que estão presentes na criança e que podem ser alterados, dada sua plasticidade psíquica.

Por isso, consideramos o uso deste instrumento como fundamental no que se refere ao acompanhamento de crianças que se situam ainda na primeira infância e que

apresentam entraves na constituição psíquica, possibilitando seu acompanhamento de modo amplo e aprofundado nas diversas esferas e campos em que a criança circula.

O percurso da constituição subjetiva, bem como a possibilidade de aparecimento do sujeito como tal, só se faz possível diante do reconhecimento desse sujeito com nome próprio no mundo. Para que isso ocorra, é necessário que o outro cuidador se posicione neste lugar, a partir da permissão simbólica. Torna-se igualmente importante que o adulto seja reconhecido como cuidador para que, então, possa reconhecer-se como primordial para a constituição do sujeito e, desse modo, supor e dar lugar para o sujeito que se manifesta.

Referências

BERNARDINO, Leda M. F.; KUPFER, M. Cristina M. **MANUAL APEGI INÉDITO** – PROJETO FAPESP, 2017.

KUPFER, Maria Cristina Machado. O sujeito na Psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. **Educação e Realidade**. jan/abr 2010, vol. 35 (1), pp. 265-261.

LACAN, Jacques. O seminário. **Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.